La Comédiathèque



Como um peixe no Ar

Jean-Pierre Martinez

Monólogos
Trágico-cósmicos

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

Como um peixe no ar

Monólogos poéticos, psicanalíticos e humorísticos

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Sem sermos filósofos e sem nos deitarmos no divã de um psicanalista, todos nós, nos momentos livres ou durante as noites de insónia, nos interrogamos sobre o sentido da vida. Pelo menos sobre o sentido da nossa própria vida. Fazemos pequenas perguntas sem grandes respostas. Ou até grandes perguntas sem o menor princípio de resposta. A menos que a rotina descarrile de repente e nos precipite, tomados pela vertigem, à beira do abismo insondável do sentido. Então, um fundo agitado pode vir à superfície e deixar entrever entre as ondas, como um monstro marinho, um sentido proibido... que constitui a essência tragicósmica das nossas existências vulgares. Um mergulho divertido nas profundezas das nossas vidas superficiais...

23 monólogos independentes. Um intérprete por monólogo, homem ou mulher; podem ser representados por uma só pessoa ou por vários atores e atrizes.

© La Comédiathèque

1 – Sem título

Está aí alguém? Não... Então são como eu. Também não conseguiram propriamente tornar-se alguém. Ser filho de ninguém, ainda vá. Alguns até se tornaram muito famosos. Há precedentes. Mas quem se lembra dos pais do filho de ninguém? Ninguém. Desde que vim ao mundo, disseram-me sempre: se queres ser alguém na vida, não podes fazer disparates. E, acreditem, quem mo dizia não era um qualquer. Por isso tentei fazer alguma coisa de mim. Tornar-me alguém, como eles. Mas não cheguei a lado nenhum, bem sei. Nunca soube o que fazer de mim. Não passo de um número, como se costuma dizer. E de um número bastante curioso, segundo certas pessoas. Devo ter feito alguma coisa mal. Por isso faço o que posso. Faço o meu número, precisamente. Sou um cómico, como dizem: «Ah, aquele é um cómico!» Mas será que um cómico pode chegar a ser alguém? Para isso, teriam de o levar a sério... E nem eu consigo levar-me a sério. Quando vou ao médico pedir uma baixa, ele diz-me sempre: «Deixe-se de comédias!» Já para não falar do meu gestor bancário, que me toma por um palhaço. «Emprestava dinheiro a um palhaço?», pergunta-me ele constantemente. Sobretudo sem juros... Quem se presta ao ridículo não pode contar com o reembolso, isso é certo... Talvez por isso os cómicos raramente acabem por ser proprietários da sua última morada. Eu também não tenho casa própria. Dizem até que tenho ar de quem não sabe onde mora. Se ao menos tivesse encontrado alguém na vida. «Devias conhecer alguém», como dizem. Mas não julguem que é fácil estabelecer uma relação séria com uma pessoa que nem sequer sabe onde vive. E eu nem pedia muito. Não precisava de ser alguém de... Se ao menos me tivesse saído o número certo. Mas não. Só me calharam grandes números, podem crer. Nenhuma relação estável. Algumas intermitentes, de vez em quando. Muitos números errados. Mas nunca o número suplementar. Quanto ao primeiro prémio... E agora é demasiado tarde, não é? Sei que já não me resta muito tempo. E sei perfeitamente que, depois de desaparecer, ninguém dirá: «Aquele, sim, era alguém.» Aliás, pode falar-se em desaparecimento de alguém que nunca conseguiu ser alguém? Não. No meu funeral, dirão: «Aquele era um cómico.» Se aparecer alguém no meu funeral, claro. Já repararam que nos funerais das pessoas célebres há sempre uma multidão de anónimos, como dizem os jornais? Uma multidão de anónimos... Mas junto às campas dos desconhecidos nunca está ninguém. Muito menos celebridades. A não ser que sejamos um soldado desconhecido, morramos no campo da honra e tenhamos muita sorte depois da morte. Não, em tempo de paz não vale a pena sonhar. Ninguém voltará a acender a chama de todos os mortos que, em vida, nunca conseguiram tornar-se alguém...

2 – À boleia

Para onde vai? Não sabe...? Bem, então entre, eu dou-lhe boleia. Só leva essa bagagem? Faz bem. Quando não sabemos para onde vamos, não vale a pena ir muito carregados. Eu só trouxe um saco pequeno. Uma escova de dentes. Meias para mudar. Um fato de banho, para o que der e vier... Não se esqueça do cinto de segurança. Às vezes fazem operações de fiscalização. Na verdade, também não sei muito bem para onde vou. Tirei uns dias de férias. Vou tentar encontrar um sítio sossegado para pensar um pouco na vida. Tenho uma vaga ideia para um romance... Com os computadores portáteis, agora é muito prático. Podemos escrever onde quisermos. Até em casa. E também tenho Internet! Quando saio de casa, levo a caixa de correio comigo. Esta zona é bonita, não acha? Pena anunciarem mau tempo. Gosto de conduzir assim. Já ter partido, ainda não ter chegado. Dá-me a sensação de que existo um bocadinho. Deve ser por isso que nunca acabo nada. Nem imagina quantos romances comecei! Quando era pequeno, a parte de que mais gostava era o caminho de casa para a escola. Prolongava o prazer andando o mais devagar possível. Mas... por mais tempo que levemos, acabamos sempre por chegar a algum lado. Tenho mesmo de abastecer. Diga-me se vir uma bomba de gasolina, está bem? Pois... Quando era miúdo, aterrorizava-me a certeza de que um dia havia de morrer. É o destino de toda a gente, não é? Primeiro tentei convencer-me de que não era como os outros. Mas depressa tive de aceitar que não era Jesus Cristo. Entre mim e a morte certa havia apenas um tempo elástico. E podia até morrer prematuramente! Não só tinha a certeza de que ia morrer, como não sabia quando. Resumindo, tornou-se urgente abrandar, para não morrer precipitadamente. Porque é que aquele está a buzinar tanto? Ultrapassa, se tens assim tanta pressa! Onde é que eu ia? Ah, sim. Como não conseguia fazer parar o tempo, comecei a tentar reter cada instante. Para que passasse mais devagar, percebe? Com a esperança secreta de que uma recordação mais densa acabasse por bloquear a ampulheta. Para começar, escolhi um momento ao acaso e decidi, arbitrariamente, guardá-lo para toda a vida. E resultou! Da primeira vez... Um momento inesquecível! Embora absolutamente insignificante... Nunca mais consegui repetir a proeza. Seja como for, com o passar do tempo mudei a maneira de encarar a existência. Morremos, claro, mas nunca desaparecemos por completo. Nada se perde, nada se cria. Infelizmente, agora a certeza do eterno retorno assusta-me ainda mais do que a de um fim definitivo. Quer dizer que isto nunca mais acaba? E o que será de nós depois de morrermos? Pensando bem, a reencarnação é assustadora. Mesmo que não estejamos inteiramente satisfeitos com a nossa vida, nada garante que, depois de ressuscitarmos, não acabemos na pele de alguém ainda mais infeliz... Há tanta miséria no mundo. Esta roleta-russa não lhe mete medo? Não, não sabemos para onde vamos. Nem sequer sabemos de onde vimos! Será que uma borboleta se lembra de ter sido lagarta? O ser humano nem se lembra de ter sido macaco. Ah, uma bomba de gasolina! Já estava a pensar que ficávamos sem combustível. Aproveite para esticar as pernas. Ou ir à casa de banho. Vá com calma, não temos pressa. Não sabemos para onde vamos...

3 – Divã

Deito-me ou...? Está bem... Não sei muito bem por onde começar... Encontrei o seu contacto na lista telefónica... Podemos perguntar a um amigo se conhece um dentista bom, barato e que não magoe, mas... alguém como o senhor... Por isso consultei as Páginas Amarelas. E escolhi um nome ao acaso. Uma lista bem comprida, não é? Um trabalho pago em dinheiro vivo, nos tempos que correm... Dizem que nem é preciso um diploma para exercer a sua profissão. Que basta ter sido cliente para abrir um consultório... É verdade? Então, se quiser, depois também posso... Vou considerar isto uma formação. Mas não lhe faz impressão que todos os seus pacientes sejam potenciais concorrentes? Imagine: vou ao talho, compro uma cabeça de vitela e, à saída, abro um talho mesmo em frente... Não é provável, note-se. Detesto carne. Até os ovos me fazem alguma impressão. Bem, como-os de vez em quando, mas... Parece que as aves descendem dos dinossauros. Portanto, um ovo é uma espécie de feto de dinossauro, não acha? Na verdade, não escolhi o seu nome inteiramente ao acaso. Era o último da lista... Porque o seu apelido começa por Z. Talvez tenha querido reparar uma injustiça... É o meu lado Zorro. Imagino que toda a gente escolha os primeiros da lista. O senhor Aa, a senhora Ab ou o senhor Bb... Nem imagina o que deve ter sofrido durante os estudos... Se é que estudou. Sempre o último a ser chamado. Eu, felizmente, estou nos M. Mais para o fim da lista, mas enfim... Curioso: no meu nome, o Z está no fim. O meu pai era espanhol... Não sei porque digo «era», porque ainda é. Quero dizer, ainda está vivo. Acho eu... Mas será que continua a ser espanhol? Foi naturalizado... Francês, quero dizer. Não empalhado. Nem congelado... É incrível, não é, essas mulheres que metem os filhos no congelador? Entre os panados de peixe e os gelados... Se as crianças pudessem fazer o mesmo aos pais... Conservá-los no congelador enquanto não decidiam o que fazer com eles... Mas porque é que lhe estou a contar isto tudo? Ah, sim, o Z! Tenho de contar tudo desde o princípio, é isso? De A a Z. Ou melhor, de M a Z... Porque, no meu caso, começa por M. Nunca gostei do meu nome próprio, Jean-Pierre... Já reparou que, na televisão e nos filmes, o parvo de serviço parece chamar-se sempre Jean-Pierre? Como o marido da Samantha na versão francesa de *Bewitched*, por exemplo. Conhece? Aquela série da feiticeira. Na dobragem francesa, ele chama-se Jean-Pierre. E o idiota da história é ele. Ela passa o dia inteiro a tentar impedir que percebam o imbecil que ele realmente é. E precisa de todos os seus poderes mágicos para o conseguir. Bem, ela gosta dele porque é simpático. Simpático, mas idiota. É essa a ideia que se faz dos Jean-Pierre. Eu também tenho uma filha. Devia ter-lhe chamado Tabitha. Não quero com isto dizer que a minha mulher seja uma bruxa. É mais uma fada... Para conseguir aturar-me... É o que a minha mãe lhe pergunta sempre: «Como é que consegues aturá-lo?» A minha mãe é da Normandia. Como as vacas. Portanto, leite, manteiga, natas... Não imagina a quantidade que comemos! Eu não digiro manteiga. Devo ter herdado isso do meu pai. Em Espanha prefere-se o azeite. Ele estava sempre a perguntar-lhe: «Porque é que pões tantas natas na sopa?» Devia era ter perguntado porque não punha mais sopa nas natas... Parece que não conseguia evitar. O atavismo... Acabou por encontrar outra pessoa que lhe servisse a sopa... Lá em casa, agora sou eu que cozinho. Assim, ao menos, sei o que como. O senhor não diz nada, pois não? Mas não é por falta de opinião. Deve estar a perguntar-se porque vim cá. Se soubesse, calculo que não tivesse vindo. Enfim, há uma coisa... Como hei de explicar?

Quanto mais o tempo passa, mais próximo me sinto do reino mineral. Não sei porquê. Conhece a frase: quanto mais conheço as pessoas, mais gosto do meu cão? Pois comigo, quanto mais o tempo passa, mais as pessoas me aborrecem. E os cães também, aliás. É com as pedras que me sinto realmente à vontade... Uma vida humana é curta de mais, não acha? Então uma vida de cão... Uma pedra, pelo contrário, não envelhece... Até as árvores já não me dizem grande coisa. E olhe que algumas têm mais de mil anos. Mas uma árvore acaba por morrer. Pode até adoecer. E depois os vermes comem-na, como ao resto. Acaba por entrar na cadeia alimentar. Uma pedra, não. Ninguém come pedras! Tirando as galinhas, é verdade... Para fabricarem a casca dos ovos. Tem razão, também não podemos dizer que as pedras sejam eternas... Acha que os dinossauros também comiam pedrinhas para fazer os ovos? Nesse caso, para quê ser uma pedra? Para acabar como uma casca vazia depois de uma omeleta...? Então porque é que eu gosto de pedras, doutor? Quer dizer, senhor Z. Acha que tem alguma relação com o meu nome? Jean Pierre M.

4 – As horas mortas da madrugada

Conhecem as horas mortas da madrugada? Uma, duas, três, quatro... Às cinco já estaríamos quase livres. Bastava esperar um pouco, a ouvir rádio. Mas acordamos e olhamos pela janela. Nem um raio de luz. Apuramos o ouvido. Nem um pássaro canta. Os seres diurnos ainda dormem; os noturnos já se deitaram. Não há esperança de que o dia esteja próximo. Estamos no fundo da escuridão, numa terra de ninguém, na noite dos adormecidos de olhos abertos. Claro que bastava um esforço para nos levantarmos e caminharmos. Mas seria prematuro. Quase contra a natureza. Ver a noite antes de ver o dia... Por isso temos de voltar para trás. Atravessar novamente a fronteira. Regressar ao lugar onde nada pode ainda atingir-nos. Onde nada pode esperar-nos. Onde ninguém pode ouvir-nos. O além fica aquém de uma eternidade reversível. Conto até cem. Ao contrário. Noventa e nove, noventa e oito... À espera de que, antes de terminar a contagem decrescente, tenha deixado de contar. Nas noites de grande insónia, começo nos sete mil milhões. Seis mil novecentos e noventa e nove milhões, novecentos e noventa e nove mil, novecentos e noventa e nove outros seres, antes de chegar a minha vez nesta imensa sala de espera ao ar livre que é o mundo dos vivos. Quanto tempo será preciso para desfolhar, uma a uma, todas essas existências que não são a minha, para me reconhecer no meio da multidão e encontrar o sono? Uma noite para saber quem somos. O que nos distingue dos outros. Uma vida para descobrir tudo aquilo que não somos. Morrer. Voltarmos a dissolver-nos no indiferenciado. Dormir. Deixar-nos ir. Com o medo de acordarmos outra pessoa. Numa escuridão que seria um pesadelo sem esperança de manhã. O que me mantém vivo, o que me mantém acordado, é o medo de cair, numa noite infeliz, no sono errado, no cansaço eterno. A insónia é uma corrida imóvel contra o tempo. Uma vitória provisória. Quatro, três, dois, um... Suspensas entre o torpor da noite e a violência do despertar, as horas mortas vão desfiando o tempo contado dos insones.

5 – Salas escuras

Estão a perguntar-se o que faço aqui. Pois faço o mesmo que vocês. Espero. Que aconteça alguma coisa. O quê? Não sei. Se soubesse... Espero que as coisas melhorem. Podia levantar-me e ir dar uma volta entretanto, dir-me-ão. Vocês também, aliás... Mas não. Não me parece prudente. Ainda acontece qualquer coisa interessante na nossa ausência... Está bem, por enquanto não acontece nada. Mas pode recomeçar no momento em que menos esperamos. De repente... Sabem, é como quando estamos no cinema e o filme para subitamente porque a película derreteu com o calor do projetor. Acendem-se as luzes e ficamos ali feitos parvos, encandeados, como se nos tivessem arrancado bruscamente a um sonho. Recuperamos aos poucos os sentidos e começamos a esperar. Esperar que a projeção recomece o mais depressa possível. Que voltem a mergulhar-nos no coma artificial, pondo a bobina a rodar. Depois percebemos que não fazemos a menor ideia de quanto tempo vai durar a avaria. Talvez seja mais grave do que isso e a sessão acabe por ser cancelada. Nem sequer sabemos se está realmente alguém na cabine para juntar as pontas. E se o projecionista se foi embora mal começou o filme? Passado algum tempo, o espectador mais corajoso levanta-se para ir saber o que se passa. Sob o olhar admirado dos outros, que continuam cobardemente sentados à espera de que alguém tome a iniciativa. Mas o herói não sabe para onde ir salvar os companheiros de infortúnio. Uma cabine de projeção é muito misteriosa. Não tem janelas. Só uma pequena abertura por onde passa a luz do projetor. Nem sabemos onde fica a porta secreta dessa fortaleza proibida. O homem sai da sala, volta à entrada do cinema e pergunta à funcionária da bilheteira o que se passa. Ela, como é evidente, não sabe. Também não sabe onde está o projecionista. Parece que nunca ninguém o viu. Mas promete informar-se. O homem regressa à sala, depois deste ato de bravura, pronto a prestar contas, esperando que o aplaudam pela ousada iniciativa, apesar do resultado bastante incerto das diligências. Mas, quando abre a porta, vê que a sala voltou a ficar às escuras. O filme já recomeçou! Sem ele! Foi apanhado. Pensa que mais valia ter ficado sossegado, à espera de que as coisas se resolvessem sozinhas. Com isto, perdeu uma parte do filme. Uns segundos apenas. Mas podia ser uma cena decisiva. Imaginem que, em *Citizen Kane*, perdiam logo a cena do trenó... Além disso, essas imagens perdidas juntam-se às que o projecionista provavelmente sacrificou para fazer uma reparação à pressa, colando as duas pontas da película derretida. «Agora já não vou perceber mais nada», pensa o regressado, ainda com os olhos pouco habituados à escuridão. Volta ao lugar às apalpadelas e pede, em voz baixa, à vizinha que lhe resuma o que aconteceu durante a sua ausência. A rapariga prepara-se para responder, contrariada, receando perder por sua vez uma fala essencial enquanto lhe conta o episódio, quando uma voz irritada grita atrás deles: «Chiu!» Aliviada, ela lança ao importuno um olhar de desculpa e volta a fixar os belos olhos fascinados no ecrã, mergulhando de novo, voluptuosamente, a mão no pacote de pipocas. *The show must go on!* Mas o pobre zombie já não percebe nada do filme... Por isso prefiro esperar... Sabem quanto rende atualmente uma conta poupança? Três por cento ao ano... Depositamos um salário mínimo no banco, mandamo-nos congelar durante quinhentos anos. Depois descongelam-nos no micro-ondas e somos multimilionários. Isso, sim, é uma espera que vale a pena, não acham?

6 – Ricofobia

Desculpem, mas antes de começar queria fazer-vos uma perguntinha. Não se preocupem, não é um inquérito. Conheço atores que se aproveitam do sistema. Toda a gente conhece o truque: anunciam um espetáculo a solo, convidam os amigos para o teatro, vendem-lhes bilhetes pela Internet... Na realidade, trabalham para uma empresa de sondagens e aproveitam para vos impingir um questionário interminável. Também é verdade que o sistema se presta à confusão: agora, até quem faz pequenos biscates recebe como profissional intermitente do espetáculo. Dizem que fica mais barato para a empresa. Deve ser isso a sociedade do espetáculo. Enfim, podem ficar descansados: a minha pergunta é inteiramente gratuita e desinteressada. Cá vai. Há pessoas ricas nesta sala? Ninguém? Não se preocupem, também não me pagam para denunciar à Autoridade Tributária quem se tenha esquecido de declarar o património. A sério? Nenhum rico? Ótimo. Nesse caso, posso expor-vos o meu problema sem ofender ninguém. É o seguinte: às vezes pergunto-me se sou inteiramente normal. Toda a gente devia invejar os ricos, não é? Vocês também, suponho. Pois para mim, não sei porquê, a riqueza é uma espécie de doença vergonhosa. Uma doença socialmente transmissível, se preferirem. Uma porcaria que se apanha em relações desprotegidas com pobres pessoas já contaminadas. Não sei... A riqueza causa-me um certo nojo. Os ricos inspiram-me uma espécie de desprezo compassivo. Acho que a isso se chama condescendência. Sim, é isso. Olho para os ricos de cima para baixo. Sei perfeitamente que é um absurdo. Deviam ser eles a olhar-me de cima. Porque eu não consegui tornar-me como eles. Toda a gente quer enriquecer, não é? Tirando quem já é rico, claro. E mesmo esses ainda querem ser mais ricos. O dinheiro vicia, sabiam? E somos sempre o pobre de alguém. Reparem: quando é eleito um novo presidente, uma das primeiras medidas costuma ser ajustar o limite do imposto sobre grandes fortunas para ficar um bocadinho acima do património que lhe atribuem. Para que ninguém o acuse de ser rico. Prova de que ser rico não é propriamente motivo de orgulho.

Mas voltemos aos ricos. Aos verdadeiros. Não aos que estão apenas um pouco acima do limiar da riqueza, como outros se afundam abaixo do limiar da pobreza. Não. Àqueles sobre quem não há dúvida possível. Aos milionários, como se dizia antigamente, no tempo das moedas antigas. Era muito mais fácil ser milionário, evidentemente. Em França, por exemplo, era cem vezes mais fácil com os francos antigos do que com os novos. E quase setecentas vezes mais fácil do que com os euros. Estão a ver? Com os francos novos, já se era milionário com pouco mais de cento e cinquenta mil euros. Têm a certeza de que não há milionários na sala? Nem em moeda antiga? Nem a crédito? Então devem ser arrendatários e viver numa habitação social. Porque hoje, se alguém tiver um quartinho de empregada em Paris, é necessariamente milionário em francos antigos. Ao preço do metro quadrado na capital... Não é fantástico? Podemos não ter conseguido acabar com o desemprego, mas uma simples empregada, proprietária de um sótão no sétimo andar sem elevador, é hoje virtualmente milionária. Desde que venda o quarto a outro milionário e vá viver debaixo de uma ponte, claro... Por isso é que os milionários acabaram. Hoje, para sermos ricos, temos de ser multimilionários. Em moeda antiga, pelo menos. É a inflação. A chamada bolha imobiliária. E as bolhas, sabemos bem a quem aproveitam. Enquanto os pobres se

contentam com uma aspirina efervescente para curar a ressaca, os ricos bebem garrafas de champanhe para ajudar a digerir o caviar.

A bolha imobiliária é, sobretudo, o regresso da escravatura. Nos tempos de *E Tudo o Vento Levou*, ao menos os escravos tinham um contrato vitalício. Os negros trabalhavam de graça numa grande propriedade colonial. Os escravos de hoje trabalham horas extraordinárias, muitas vezes sem declarar, para pagar a prestação do seu minúsculo apartamento. Para terem esperança de se libertar, têm de entregar ao banco dois salários mínimos por mês durante a vida inteira... quando só recebem um. Mas onde é que eu queria chegar? Ah, sim, aos ricos. Digam-me sinceramente: têm mesmo inveja daquelas pobres pessoas? Depois de um almoço num restaurante de luxo, ter de atravessar uma avenida congestionada de Ferraris para regressar à mansão, quando já custa circular de bicicleta? Não, muito obrigado. Além disso, ser rico tem uma grande desvantagem: só podemos conviver com outros ricos. Pois é, quando somos multimilionários, não podemos ir de férias com um amigo que ganha o salário mínimo. A relação fica inevitavelmente desequilibrada. Está bem, quando somos pobres é parecido. Estamos condenados a ficar entre nós. Mas eu acho os pobres muito mais divertidos. Alguns são até muito simpáticos. Conheço vários. Sem pretensões nem nada. Está bem, nem todos os ricos são iguais. Alguns são piores. Sobretudo os novos-ricos, que ainda não estão habituados. A riqueza é um modo de vida. Aprende-se. O novo-rico ainda não sabe. Comete gafes, evidentemente, e os outros fazem questão de lho mostrar.

Conseguem imaginar-se a jantar num restaurante de luxo? Chegam, saem do Ferrari, um funcionário estende-vos a mão para ficar com as chaves do carro e estacioná-lo enquanto vocês comem com uma top model. Imaginem agora dar as chaves do vosso carrinho a um desconhecido antes de irem comer fiado ao café da esquina. Ficavam aterrorizados com a ideia de ele nunca mais voltar com o vosso chaço, cujas prestações ainda não acabaram de pagar. Então com um Ferrari... Não, a riqueza não se improvisa. Exige aprendizagem. Ao passo que a pobreza é natural. Nunca ninguém acusou um novo pobre de falta de etiqueta por ir pela primeira vez a uma cantina social. Sabe-se imediatamente qual é a colher para a sopa e qual é a colher para a sobremesa: só há uma. E, no fundo, quase não existem novos pobres. Quando se nasce pobre, costuma-se continuar pobre a vida inteira. Com os ricos é igual. Há ricos que vão à falência, claro. Mas um rico arruinado ainda tem muito mais dinheiro do que vocês.

E isso leva-me a fazer-vos outra pergunta. Há pobres nesta sala? Bem sei que, se aqui estão, conseguiram pagar um bilhete de teatro sem comprometer o orçamento da massa para o jantar, mas pode haver convidados... É que, entre nós, também há pobres que são idiotas. Porque acham que as pessoas passam a vida a chamar umas às outras «pobre idiota»? A pior espécie, parece-me, é o pobre militante. O proletário de cartão partidário, estão a ver? Aquele que é pobre, se orgulha de o ser e quer que toda a gente o seja também, por solidariedade. Não há razão para termos vergonha de ser pobres, está bem. Mas também não é caso para orgulho. Não lhes censuramos a pobreza: não fizeram nada para a merecer. Mas é preciso sermos justos. Também não devemos censurar os ricos por serem ricos. A maior parte deles também não fez nada para o conseguir. O ideal, claro, seria não haver nem pobres nem ricos. Só gente como nós.

Com uma vida desafogada, nada mais. Um milhão abaixo do limite do imposto sobre fortunas.

Mas isso não vai acontecer, pois não? Já se tentou. Na Rússia, na China... Acaba sempre com alguns milhões de mortos e, no fim, os pobres ficam ainda mais pobres e os ricos ainda mais ricos. Além disso, nem seria justo. Os pobres não precisam dos ricos para saber que são pobres. É um facto. Mas os ricos precisam de saber que há pobres para poderem desfrutar plenamente da sua riqueza. Têm razão, devia ser mais tolerante para com os ricos. Até porque nunca se sabe. Um xenófobo pode dormir descansado: não corre o risco de se tornar estrangeiro de um dia para o outro. Desde que não saia muito de casa. Mas um ricófobo, sabe-se lá! Ninguém está inteiramente a salvo de se tornar rico. Nem os atores... Mesmo quando recebem apenas as moedas que o público lhes dá. *(Estende o chapéu.)* Então? Deixam-me ver a cor do vosso dinheiro?

7 – Era uma última vez

Na vida temos de estar preparados para tudo. Estar sempre de prevenção. De manhã, levantamo-nos. Como em todos os outros dias. Nunca sabemos se não será a última manhã do último dia da nossa vida. Bom, há ocasiões em que podemos desconfiar um bocadinho... Quando já nem conseguimos sair da cama, por exemplo. Quando sofremos de uma doença prolongada que, pelo aspecto da coisa, está a chegar ao fim, e o capelão do hospital aparece, por acaso, para perguntar se temos mesmo a certeza de que não precisamos de nada. Nessa altura pensamos que, se não for hoje, já não falta muito. Quando nos preparamos para saltar de um avião em pleno voo, olhando para o céu para não ver o que está lá em baixo, e imaginamos o que acontecerá se o paraquedas não abrir. Conferimos mais uma vez se a argola não está presa. Se o tecido não está rasgado. Se não estamos, por engano, prestes a saltar para o vazio com o saco-cama às costas. Mesmo sem sermos crentes, fazemos o sinal da cruz, por via das dúvidas. Mal não faz. E depois, engolindo o orgulho, podemos sempre decidir não saltar. Ficar no avião, chamar a hospedeira e pedir um uísque. Enquanto esperamos que o avião aterre suavemente. Ou se despenhe. Mas todos juntos. Quando somos toureiros e estamos prestes a matar seis touros seguidos, entre as cinco e as sete. E se algum deles não estiver de acordo? Num instante, o boi que quase foi pode revoltar-se. Quanto tempo sobreviveremos a este matadouro a céu aberto? Desde o princípio dos tempos, matar para viver é uma profissão de risco. No corredor da morte, quando ouvimos passos do outro lado da porta, às primeiras horas da madrugada, e o serviço de quartos nos traz um pequeno-almoço continental numa bandeja com louça fina, em vez da água suja habitual numa caneca de lata. Então sabemos que teremos de deixar o quarto antes do meio-dia, que a conta não tardará e que não há maneira de fugir ao pagamento. Quando fazemos bungee jumping, sabendo que o elástico pode rebentar. Quando perdemos a cabeça e saltamos sem elástico. Quando nos lançamos à aventura com preservativo e ele rebenta. Quando perdemos a cabeça e nos lançamos sem preservativo, porque o Papa disse que não. Quem nunca pecou que atire a primeira camisinha usada. Quando nos levantamos de manhã e já não sabemos porquê. Quando pensamos que, se continuarmos a viver, não vamos sobreviver. Quando preferimos morrer por alguma coisa a viver por nada. Quando morremos de fome, já quase sem peso, sem poder fazer mais nada. Quando tantas vezes nos mandaram ir enforcar-nos. Sim. Há momentos em que podemos suspeitar que não haverá uma próxima vez. E outros em que não vemos nada aproximar-se. Momentos em que partimos como chegámos. Por acaso. Em que morremos como vivemos. Estupidamente. Em que falecemos ao acaso. Sem pré-aviso. Em que morremos por engano. Sem anúncio de falecimento. Um dia levantamo-nos de manhã, e já não haverá outra manhã. E não sabemos. Há vezes em que morremos sem avisar.

8 – Definição do amor (por exclusão)

Há quanto tempo nos conhecemos? Pelo menos vinte anos, não é? Mas por que é que nunca dormimos juntos? É verdade, damo-nos bem... Até podíamos ter casado! É engraçado, vejo-te um bocadinho como uma ex. Apesar de nunca termos andado juntos... Quase aconteceu uma vez, lembras-te? Fizeste-me beber. Ou talvez tenha sido ao contrário. Acabámos em tua casa, completamente bêbedos. Rimo-nos a noite inteira, feitos parvos, mas esquecemo-nos de ir para a cama juntos. Talvez seja por nos darmos bem de mais. Faltaria alguma emoção. Acabaríamos por nos aborrecer. É verdade que nos rimos muito os dois, mas... Não me imagino a fazer amor com uma mulher a rir. Bem, há risos e risos. Consigo fazer uma mulher rir para a levar para a cama. Mas ir para a cama com uma mulher que me faz rir... Não. Se dormisse contigo, tinha a sensação de estar a dormir com um amigo. Uma amiga, se preferires. E além disso não gosto de loiras. Eu sei, já não és loira. Mas eras quando te conheci... Como é que eu havia de adivinhar que não era a tua cor natural? É estranho como estas coisas funcionam. Não é que eu não goste de loiras, mas depende. Devia ser a cor. Eras um bocadinho loira de mais para mim. As mulheres muito loiras dão-me uma certa repulsa. Física. Não sei porquê... Deve ser uma questão de pele. Agora é tarde. Vou imaginar-te sempre na pele de uma loira que pintou o cabelo de castanho. E, aliás, também não és propriamente morena... Nem castanha. Nem sei como chamar àquela cor. Não é loiro nem castanho. Não é que não te ache atraente. Aliás, todos os homens gostam de ti. Em geral, isso até me entusiasma. Mas contigo, não. Não consigo perceber exatamente porque nunca tive vontade de dormir contigo... Talvez isso seja o amor. Quero dizer, aquele «não sei quê» que faz duas pessoas quererem fazer amor, ou mais, se houver afinidades. Conseguimos defini-lo, afinal! Por exclusão... Agora, porque é que casei com a minha mulher e não contigo ou com outra? Bem, para começar, ela gostava de mim. Era mais fácil. Se não tivesse gostado, teria eu insistido? E se tivesse insistido, teria ela gostado? Nunca vamos saber. O amor correspondido é mais simples, mas tem menos... Como dizer? Sem risco, a vitória sabe a pouco. Aliás, pergunto-me o que ela viu em mim. Tens alguma ideia? Podia perguntar-lhe, mas... E se ela me fizer a mesma pergunta? Há assuntos que é melhor não abordar. Um pouco de mistério num casal não faz mal. Embora não seja preciso exagerar. Uma vez namorei com uma rapariga. Ao fim de um ano, deixou-me. Perguntei-lhe porquê. Disse que se aborrecia na cama comigo. Um ano! Há limites para a discrição... Agora pergunto-me porque esteve comigo durante um ano. Nem me lembrei de lhe perguntar. Alguma razão devia haver! Ou então mentiu. Sobre as minhas capacidades sexuais, quero dizer. Para se vingar... Não digo isto porque me tenha ferido o orgulho masculino. Surpreendeu-me um bocadinho, só isso. Até tenho fama de ser bom na cama. E tu? Não, quero dizer... E tu, não me queres mesmo dizer porque nunca tiveste vontade de sair comigo? Não és obrigada a responder, claro...

9 – A volúpia do tédio

Estou aborrecido, e vocês? Não é que esteja particularmente aborrecido convosco. Estou aborrecido em geral. Esteja ou não convosco. Sempre me aborreci muito, desde pequeno. Não sei porquê... Ao princípio, isso aborrecia-me um pouco. Depois habituei-me. A minha mulher, pelo contrário, nunca se aborrece. Tem sorte. Diz que tem sempre alguma coisa para fazer. E, quando já não tem mesmo nada, dorme. Eu durmo pessimamente. Acordo às três da manhã e não consigo voltar a adormecer. Então aborreço-me. Até de noite. Enquanto a minha mulher dorme profundamente. Durante o dia, podia trabalhar, dir-me-ão. Talvez assim dormisse melhor de noite. Mas se pensam que trabalhar é muito mais divertido do que estar aborrecido... O trabalho só serve para nos ocupar durante o dia. Como a televisão à noite, as palavras cruzadas ao domingo ou o jogo da malha nas férias. Permite-nos esquecer temporariamente que não sabemos o que fazer da vida. Eu aborreço-me a tempo inteiro... e o pior é que às vezes me pergunto se não tiro disso algum prazer. Porque há uma volúpia no tédio, não há? Assim como há prazer em estar triste. Até uma certa nobreza. Para nos aborrecermos, primeiro é preciso ter tempo livre. E poder dar-nos a esse luxo. É um luxo a que nem toda a gente se pode dar. O tédio é uma liberdade fundamental, que nenhum passatempo limita. Aliás, começo a perguntar-me se não prefiro aborrecer-me a divertir-me. A diversão, a longo prazo, cansa. Acabamos sempre por fazer as mesmas coisas. Rever as mesmas pessoas. Fazer as mesmas coisas com as mesmas pessoas. Ao passo que há mil maneiras de nos aborrecermos... E depois, entre nós, divertir-se é um bocadinho vulgar, não acham? Para começar, faz muito barulho. Já ouviram pessoas a divertirem-se? As gargalhadas, os gritos... Parecem estilhaços de granadas. A mim fazem-me doer os ouvidos. As festas, a música... Até há dias dedicados à música, com concertos nas ruas, para toda a gente participar. E quem não gosta de festas? Quem não gosta daquele barulho todo? As pessoas que se aborrecem, ao menos, não incomodam ninguém. Quero dizer, as que são capazes de se aborrecer sozinhas num canto e têm a decência de o fazer em silêncio. Não as que repetem de cinco em cinco minutos que não sabem o que fazer. Como certas crianças. As minhas, por exemplo. Só porque tivemos filhos, não quer dizer que tenhamos vocação para animadores de tempos livres. Ou então teríamos de exigir um diploma de monitor a todos os que casam e pensam ter filhos... A vantagem de gostar do tédio é que podemos praticá-lo em qualquer lugar. E sem precisar de ninguém. Eu consigo aborrecer-me onde quer que esteja. Até no teatro. E com toda a gente. Até com a minha mulher. Sobretudo com a minha mulher. Para vos dizer a verdade, é na companhia dela que prefiro aborrecer-me. Porque não julguem que é possível estar bem aborrecido com qualquer pessoa. É preciso encontrar alguém suficientemente discreto... E o mais bonito é que a minha mulher se diverte quando lhe digo isso. Eu aborreço-me e ela diverte-se. Bem, não é que não me esteja a aborrecer convosco, mas vão ter de desculpar-me. Tenho uma coisa para fazer. Uma coisa muito aborrecida, aliás. É a prova de que também podemos estar aborrecidos a fazer alguma coisa. Vá, tenham um bom tédio...

10 – Na corda bamba

Vão rir-se, mas não faço a menor ideia do que estou aqui a fazer... E vocês? Quer dizer, sabem o que é suposto eu fazer? O que devia dizer? Se sabem, não hesitem em avisar-me. Eu não faço ideia nenhuma. Estou aqui plantado como um computador que desligaram da tomada, sem avisar, para ligar o aspirador. Ou então é uma avaria elétrica. Um corte de corrente. Devia ter feito uma cópia de segurança. Mas como podia adivinhar que me iam desligar a alimentação? Talvez me tenha esquecido de pagar a conta... Não estou a falar de uma simples branca, atenção. Nesse caso, improvisava. Enquanto esperava que a memória voltasse. Até recuperar o fio à meada. Ou pedia ajuda ao ponto. Ah, já não há ponto, é verdade... Nem sequer há texto. Nem autor. Cortes no pessoal. Vão ver que qualquer dia também tiram a rede aos equilibristas e as palavras a quem tem coisas para dizer. Quando tirarem as redes aos pescadores e as teias às aranhas, aí sim, teremos motivos para preocupação... Rezai por nós, pobres pescadores. Levam-nos à deriva e ainda somos nós que pagamos o combustível. Equilibristas com macaquinhos no sótão... É um pouco como estamos todos, não é? Enquanto conservamos o equilíbrio e andamos direitinhos na corda bamba, tudo bem. Mas quando perdemos o fio... Quando já não sabemos o que dizer, depressa começamos a dizer disparates. Podemos dizer o que não devíamos. E depois... só nos resta pedir desculpa: «Saiu-me sem querer. Não era nada disto que eu queria dizer.» Era, precisamente, o que eu queria calar. Passou-me pela cabeça e saiu-me pela boca apesar de mim. Porque ao mesmo tempo é preciso dizer alguma coisa, não é? Preencher o vazio. O silêncio é pior do que tudo. É completamente intolerável. Sobretudo quando as pessoas vieram de propósito para ouvir o que tínhamos a dizer e pagaram o bilhete. E quando falo de silêncio, não estou a falar apenas de ficar calado. Não há nada mais falador do que um mimo. E não sei se já viajaram de autocarro com um grupo de pessoas a comunicar por língua gestual, mas deviam ver a animação. Não, estar aqui sem falar é muito mais difícil do que falar só por falar. Mas falar por falar também diz muito. Uma branca é como um escorrega. Como um buraco negro. Sabemos que vamos ficar de boca aberta quando chegarmos, mas não sabemos onde vamos parar. Só sabemos que, depois de arrancarmos, já não podemos travar. É natural sentirmos um pouco de receio antes de nos deixarmos deslizar. Mas porque é que estou a contar-vos tudo isto? Onde quero chegar? Não dizem nada, pois não? Não me ajudam muito... Enfim, já estou habituado. Acabo de vir do psicólogo. Ele também nunca diz nada. É uma forma de não dizer asneiras. Curiosamente, todos os psicólogos a quem ouvi dizer alguma coisa pareceram-me mais perturbados do que eu. A sério. Ao meu, em dez anos, nunca lhe ouvi a voz. Por isso acabei de lhe dizer que era melhor ficarmos por ali. Custava-me demasiado encontrar todas as semanas qualquer coisa para lhe contar. Sobretudo depois da subida dos preços... E quando passámos a duas sessões por semana, nem queiram saber. Agora, aqui, já nem preciso de me deitar. É um pouco como estar no divã, mas com várias filas de psicólogos a ouvir-me em silêncio. E ao menos aqui são vocês que estendem as notas em cada sessão...

11 – A limpeza

Fazer a limpeza não é propriamente o que mais me diverte. Não me interpretem mal: não sou daqueles solteirões afetados que adoram cera e, na intimidade do lar, se entregam aos prazeres de deslizar pelo soalho encerado. Parece-me, no entanto, que há uma grandeza discreta em varrer à nossa porta. Quando seguramos firmemente o cabo da vassoura, ficamos bem presos à realidade. Do pó viemos e ao pó voltaremos... a limpar. Esfregar a nossa própria sanita obriga a uma certa humildade. A uma certa modéstia. Ouso até dizer que tratar da limpeza de casa é sinal de boa higiene mental e nos protege de muitas loucuras. Não falo das pequenas manias individuais. Houve assassinos célebres bastante caseiros, e isso não os impediu de cometer alguns excessos. Mas em privado! Não. Falo da defesa da democracia. A esfregona é o último baluarte contra a tirania. Teria Hitler invadido a Polónia se antes tivesse de passar o aspirador? Teria Pol Pot exterminado o seu próprio povo com tanto entusiasmo se pudesse ter passado o tempo a limpar as teias de aranha do teto de casa? Não, nunca se viu um ditador fazer ele próprio a limpeza. Contratar alguém para as tarefas domésticas é sonhar com a tirania dentro de casa. É o primeiro passo para a megalomania. É a anexação simbólica de Portugal! O génio, pelo contrário, não é inimigo das artes domésticas. É fácil imaginar Arquimedes a ter a ideia do seu princípio de pé, junto ao lava-loiça, com luvas de borracha: toda a mão mergulhada na água sofre uma força vertical, de baixo para cima, igual ao peso da água da loiça deslocada. E se os museus têm tantas naturezas-mortas com fruteiras, cascas de legumes e bifes mal passados, é porque os grandes mestres da pintura passavam bastante tempo na cozinha. Contratar uma empregada doméstica, acreditem, é preguiça intelectual. Que digo eu? É o pecado original! A primeira fuga às responsabilidades abre a porta a todas as demissões futuras. Um pequeno acordo com a consciência permite todas as cumplicidades que se seguem. É a origem do capitalismo! O começo da exploração do homem pelo homem. Ou melhor, da empregada pelo homem... ou pela executiva, que, convenhamos, já quase não é uma mulher. Porque é preciso pelo menos ter a honestidade de enfrentar a verdade: a limpeza que recusamos fazer em casa para não sujarmos as mãos terá de ser feita por outra pessoa. A pedra-pomes que não queremos pegar para não estragar a pele terá de ser manejada por outro Pilatos. Alguém que depois desprezaremos pela sua servilidade, ou para quem olharemos com condescendência, fazendo-o pagar pela nossa cobardia. Porque acham que tanta gente paga à empregada doméstica por fora? E ainda por cima sem remorsos. Porque não se consegue considerar a limpeza da casa alheia uma verdadeira profissão. Muito menos um trabalho que mereça salário e direitos sociais. Por isso procuramos um álibi. Dizemos que, se não tivéssemos coisas mais importantes para fazer, seríamos nós a lavar os vidros da sala e a esfregar o tampo da sanita. Se preferimos deixar isso a outra pessoa, não é por preguiça, antes pelo contrário. É por dedicação! Quase por abnegação! Para não privar o resto da humanidade dos benefícios que lhe poderíamos trazer se não tivéssemos de passar o tempo a limpar a nossa casa. Percebem agora porque falava de humildade... Está bem, também não podemos ir contra a natureza. É evidente que um homem normal não está geneticamente preparado para manejar um ferro de engomar a vapor. Mas enfim... Foi por isso que a sociedade inventou o casamento. Dividir as tarefas, sim, mas cada um mantendo a sua dignidade. E, nessa nobre servidão doméstica partilhada, o casal poderá

voltar a ser o que nunca devia ter deixado de ser: um lar. Não dizia Voltaire que era preciso cultivar o nosso jardim? Não achou necessário acrescentar que também era preciso descascar os legumes, servir a sopa e lavar as tigelas a seguir, mas estava implícito. Em verdade vos digo: a empregada doméstica não é o futuro do homem. E quando os poderosos deste mundo forem obrigados pela Constituição a lavar eles próprios as suas pequenas peças de roupa, toda a humanidade há de cheirar a lavanda.

12 – Como antigamente

Lembram-se? Eram os bons velhos tempos... Ou pelo menos é o que se diz. O que gostamos de acreditar. Será que antigamente era assim tão bom? Seja como for, era o começo. O princípio de tudo. A primeira de todas as coisas. A religião é a ritualização de uma memória imaginária. Começamos por sonhar diante das montras dos grandes restaurantes, diante das salas proibidas a menores de dezoito anos, e quando finalmente temos idade para entrar, é a fome do início que nos faz falta. Os bons velhos tempos em que ainda tínhamos apetite. Em que a curiosidade ainda não era um defeito. A ataraxia não é uma doença infantil: é o álibi que ajuda os velhos a resignarem-se. Para fugir a essa fatalidade, seria preciso inverter a ordem dos pratos que a História nos vai servindo. Sentarmo-nos à mesa de bolsos vazios. Deixar que o apetite venha com o comer. E ficarmos com fome. Infelizmente, por montes e vales, são os pequenos riachos que fazem os grandes rios. Os pequenos vasos sanguíneos, as grandes artérias. Passamos a vida à espera do feliz acaso que há de mudar o curso das coisas. E quando finalmente acontece, já não temos o coração nisso. A não ser que seja um ataque cardíaco... A velhice é um naufrágio que nem sempre acaba bem. Salvai as nossas almas. Ou encontrem-lhes uma ilha deserta onde possam dar à costa. E recomeçar tudo desde o princípio. Onde raio teremos nós errado? Ainda hoje me pergunto: será este enorme desastre fruto de um mal-entendido distante, que uma conversa franca, mesmo tardia, poderia ter esclarecido? Ou será apenas a consequência lógica de um diálogo de surdos interminável? Vá, pensando bem, com alguma esperteza, talvez consigamos lembrar-nos de ter sido macacos. Ou até lianas. Às vezes, nesta selva, recordo o tempo em que era flexível como uma liana. Quando aquele simples entusiasmo bastava para transformar o desejo em realização.

13 – O substituto

Bom dia! Sou o substituto. Permitam-me apresentar-me, porque não sei se todos me conhecem. Sou Deus. Não, não, podem ficar sentados. Não se incomodem. Sei que ao princípio impressiona um pouco, mas verão que depressa se habituam à minha presença. Em breve já nem me verão e farão de conta que não existo. Tal como com o meu antecessor. Evidentemente, estão a perguntar-se como é que uma pessoa se torna Deus. É natural. Estão a pensar: «Muito bem, fugiu do manicómio com o amigo que julga ser Napoleão.» Mas atenção, eu não julgo ser Jesus Cristo! Toda a gente sabe que Jesus Cristo morreu há dois mil anos. E, além disso, eu não tinha o físico indicado para Jesus. Não seria credível. Nem verdadeiro, sobretudo! Mas Deus... não se parece com nada. Está em toda a parte, mas não se vê em lado nenhum. Falamos com Ele e Ele não responde. E, entre nós, já há bastante tempo que não faz nada de muito significativo, não acham? Basta ver as dificuldades que a Igreja tem em conseguir o reconhecimento oficial de um ou dois milagres a título póstumo. E mesmo esses não são propriamente extraordinários. Por exemplo: «Tinha perdido as chaves do meu todo-o-terreno e, depois de ver o Papa na televisão, reapareceram milagrosamente no forro do casaco...» Ou então: «Tinha um cancro do cólon e, depois de vinte e três sessões de quimioterapia, da remoção completa do intestino e de uma viagem a Lourdes, sobrevivi milagrosamente com uma sonda no estômago e um ânus artificial.» Estamos longe do mar Vermelho a abrir-se em dois ou do esqui aquático no lago da Galileia, de pés descalços e sem barco a motor. Isso, convenhamos, tinha estilo. Compreende-se que naquele tempo inspirasse vocações. Está bem, Deus criou o mundo. O Big Bang, Adão e Eva, os dinossauros, tudo isso numa semaninha. É verdade que ao princípio fez um grande trabalho. Mas desde então? Agora Deus parece mais um título honorífico. Todo-poderoso? Ora essa... Tem pouco mais poder do que um monarca constitucional. Por isso pensei: «Bernardo, há aqui uma vaga.» Pois, não devia dizer-vos isto, mas antes de ser Deus chamava-me Bernardo... É um trabalho voluntário, é certo, mas o Papa também não exerce por dinheiro. Só que para ser Papa ainda é preciso estudar. Apresentar uma candidatura. Há eleições... Para ser Deus não há essas complicações. Começar a ser Deus é como deixar de fumar. Ao princípio não é fácil... Depois é só mantermo-nos firmes. Uma questão de vontade. Basta acreditar em nós próprios. Se nem nós acreditarmos... Bem sei porque vieram cá. Não foi por causa da pequena coleta no fim. O que esperam de mim é que vos traga a boa nova. Por exemplo, que vos sopre ao ouvido os números vencedores da próxima lotaria, de preferência com o número suplementar. Mas não funciona assim. Não é que queira fazer-me rogado, mas se bastasse pedir, toda a gente sabia. Não farei mais do que aquele que substituo, mas prometo estar atento. Também não me verão, mas estarei sempre ao vosso lado, como ele. Só têm de me avisar com alguma antecedência. Uma criança doente, a perspetiva de um despedimento coletivo, uma morte na família... Telefonem-me e eu apareço. De dia ou de noite. Faça chuva ou faça sol. Vou deixar o meu número de telemóvel na receção. A chamada é paga, claro... Se tiverem tarifário... E se eu não atender, deixem mensagem no correio de voz. *(Olha para o relógio.)* Oh, bolas... Não é que me esteja a aborrecer, mas estão à minha espera noutro sítio. Posso estar em toda a parte, está bem, mas não ao mesmo tempo. Garanto-vos: dentro de uma ou duas semanas já não vão notar a diferença em relação ao anterior.

14 – Falar do tempo

Que tempo estranho, não acham? Nem sabemos como nos vestir. Será que vamos a caminho de dias melhores, ou o pior já é certo? Será que ainda vale a pena vestir-nos? Tempo próprio da época, como se costuma dizer. Mas valerá a pena falar dele? Enfim, é preciso sair de casa, não é? É preciso conversar. Faça chuva ou faça sol. Nem que seja para despejar o lixo e encher o frigorífico. Se nos ouvíssemos de vez em quando... Ficávamos em casa. Ficávamos na cama. A falar do bom tempo e do mau tempo. Mas dizem que, ao longo da vida, já passamos trinta anos a dormir. Imaginem se ficássemos ainda mais tempo na cama. Seja como for, passamos muitos anos a falar connosco próprios. E a falar sozinhos. Quando somos crianças, falamos com pessoas que deviam existir. Quando somos velhos, falamos com pessoas que já não existem. Entre as duas idades, enquanto adultos, preferimos ouvir-nos falar. O outro está ali apenas para devolver o eco. Falamos com paredes que não têm ouvidos. Falamos com cães que não sabem falar. Gritamos aos ouvidos dos surdos e dirigimo-nos aos cegos por língua gestual. Toda a gente fala ao mesmo tempo. E quando já ninguém tem nada para dizer, todos se põem a ouvir-se ao mesmo tempo. Falamos sozinhos porque temos medo do escuro. Também falamos para o vazio, na tentativa de o encher. Se tivermos a sorte de ter alguma coisa para nos dizer, podemos falar connosco próprios. Dar-nos ouvidos. Ouvir o que temos a dizer a nós próprios é tão importante como ouvir o que os outros têm para nos dizer. Portanto, falamos e ouvimo-nos falar. Mas não contamos tudo. Mentimos a nós próprios. E quando somos muito convincentes, até acabamos por acreditar que somos alguém... Trinta anos a dormir. A vida é um sonho, pelo menos metade dela. A outra metade é uma mentira. Com alguns momentos de verdade que nem sempre convém dizer. Parece que o céu está a abrir, não acham? Vai estar uma bela noite. Olhem, vêem-se as estrelas. Até parece que falam connosco. Tenho a certeza de que está alguém lá em cima. Com ouvidos, mas não Deus. Pessoas que falam umas com as outras, ou que não se falam. Pessoas que falam consigo próprias, ou que já deixaram de o fazer. Pessoas que contam histórias e acabam por acreditar nelas. Pessoas que também falam para o vazio. À noite, às vezes, tento escutar esses habitantes do céu. Acham que algum dia poderemos falar com eles? Conversar sobre o bom tempo e sobre a chuva?

15 – Pai nosso que estais em nós

Se nos cruzássemos na rua tal como seremos daqui a trinta anos, acham que nos reconheceríamos? Não tenho a certeza... Não estou a falar de vocês e de mim. Mal nos conhecemos. É pouco provável que me lembre de vocês. Além disso, daqui a trinta anos terão envelhecido imenso. Estarão irreconhecíveis. Se ainda cá estiverem... Não, refiro-me a mim próprio. Se amanhã encontrasse por acaso o homem que serei daqui a trinta anos, será que aquela cara me diria alguma coisa? Há trinta anos tinha cabelo comprido, andava de mota e lia revistas de rock. Se hoje me cruzasse no metro, já com pouco cabelo, a ler uma revista de economia, reconheceria a pessoa? Ao menos pensaria: «É curioso, conheço de algum lado a cara daquele velho idiota. Parece-se um pouco com o meu pai.» Nesse caso, deixava imediatamente de ter vontade de falar comigo... Mudamos muito em trinta anos. Geralmente para pior. Continuamos a ser exatamente os mesmos, ou acabamos inevitavelmente por nos transformar no nosso próprio pai? Todos temos medo de morrer um dia, mas não devíamos preocupar-nos tanto. Não se morre num só dia. A não ser por acidente. Quando morremos de velhice, morremos um bocadinho todos os dias. Até acabarmos por nos esquecer de nós próprios. Estamos todos destinados a tornar-nos soldados desconhecidos. Se tiverem a sorte de viver mais trinta anos, não serão vocês que hão de enterrar. Será outra pessoa. Alguém que não conhecem, que nunca encontraram e que nunca chegarão a encontrar. Um desconhecido que talvez nem vos fosse simpático. Porque é preciso encarar a realidade: raramente melhoramos com a idade. Se já hoje não gostam muito de vocês próprios, daqui a trinta anos talvez detestem a pessoa em que se transformaram. Talvez até lhe desejem a morte. Todos desejamos mais ou menos a morte do nosso pai, não é? Censurar-lhe-ão não vos ter tratado com carinho de filho. E ele censurar-vos-á não terem concretizado os sonhos dele. Para compreendermos o nosso pai, era preciso tê-lo conhecido em criança. E mesmo assim... De manhã olho-me ao espelho, já tenho dificuldade em reconhecer-me e não encontro nada de interessante para me dizer. Portanto, se tivesse à minha frente um tipo como eu, mas trinta anos mais velho... Um tipo que talvez nunca venha a existir. Se, ao nascermos, soubéssemos a data da nossa morte, saberíamos quando tínhamos vivido metade da vida... Não, a comunicação entre gerações, mesmo quando se trata de nós próprios, não é fácil. Mas deixo-vos um conselho: se amanhã se cruzarem convosco próprios, tal como serão daqui a trinta, quarenta ou cinquenta anos, dirijam-vos esta oração: Pai nosso que estais em nós, que o nosso nome vos continue a ser familiar, que o vosso fim de reinado seja pacífico, que a vossa falta de vontade não condene os nossos sonhos, dai-nos hoje e todos os dias uma razão para viver até à vossa idade, perdoai as nossas faltas assim como nós teremos de perdoar a vossa desistência, deixai-nos cair em tentação e livrai-vos dos remorsos.

16 – Fazer nevar

Podem continuar sentados! Sou... o vosso novo professor de Filosofia. Eu sei que, até agora, me conheciam sobretudo como professor de Educação Física. Mas a senhora Zarbi, quer dizer, a senhora Zerbi, como sabem, suicidou-se ontem à noite, imolando-se na banheira cheia de gasolina sem chumbo... Ah, não sabiam? Peço desculpa. Enfim, como a Direção Regional da Educação ficou momentaneamente sem professores de Filosofia... Não sei porquê, os professores de Filosofia são como os padres: há uma crise de vocações. A diretora pediu-me que substituísse a senhora Zarbi. Zerbi. Sabem, hoje em dia temos de ser polivalentes. Temos de saber adaptar-nos. Quando vocês tiverem emprego, se conseguirem arranjar um, também vos pedirão capacidade de adaptação. Chamam-lhe empregabilidade. Pelo menos foi o que me disse a senhora diretora. Eu sei que têm exames no fim do ano, mas... era eu ou ninguém. Por isso, o melhor é começarem já a aprender a adaptar-se. Muito bem. Se não têm perguntas, vamos começar. Afinal de contas, o que é a Filosofia? Não é assim tão complicado, pois não? É fazer as perguntas básicas. Quero dizer, as perguntas fundamentais. Aquelas que não servem para nada. Por exemplo... Não sei... Que raio é esta confusão à nossa volta? Como é que esta porcaria toda começou? Será que esta desgraça alguma vez acaba? Onde quer que esteja agora, a senhora Zarbi talvez já tenha encontrado as respostas a todas estas perguntas. Infelizmente não pode voltar para nos dizer se existe uma existência depois da essência. Ficou completamente carbonizada. Por isso, para os exames, teremos de nos desenrascar sozinhos. Há milhares de anos que os filósofos fazem estas perguntas idiotas sem encontrarem uma explicação que se aproveite. Pois talvez vos surpreenda, visto eu nunca ter estudado Filosofia, mas penso ter encontrado a resposta. Quer dizer... o princípio de uma resposta. É preciso pegar no problema pela base. Se procurarem bem, descobrirão que a resposta está dentro de vocês. E não precisam de engolir todos aqueles livros com títulos incompreensíveis que estavam na bibliografia que a senhora Zarbi vos deu no início do ano. Nem sei se ela os leu todos, mas vejam onde foi parar... Acreditem: é melhor partirmos da nossa própria experiência, procurando nas nossas recordações. Tenho a certeza de que já passaram pela verdade sem sequer se aperceberem. No meu caso, foi durante uma peregrinação ao Mont-Saint-Michel que tive... aquilo a que se poderia chamar uma revelação.

Ao princípio nem estava muito entusiasmado. Quero dizer, com a ideia de ir ao Mont-Saint-Michel. Era mais a minha mulher que... Mas enfim, o Mont-Saint-Michel é um sítio que devemos ver pelo menos uma vez na vida, não é? E como a viagem de autocarro era oferecida pela Câmara Municipal... Chegámos ao parque de estacionamento por volta do meio-dia, depois de três horas de viagem no meio do nevoeiro, sem sequer pararmos numa estação de serviço para mijar. Não havia tempo a perder, porque tínhamos de voltar nessa mesma noite, por isso parecia uma operação de comandos. Toda a gente saiu rapidamente do autocarro e avançou a passo apressado em direção à abadia. Podemos não acreditar muito em Deus, mas há ali uma atmosfera que convida à meditação... Íamos a meio do caminho quando a minha mulher me disse: «Já viste? O Mont-Saint-Michel faz parte do Património Mundial e, se não fizermos nada, daqui a uns anos já nem sequer vai ser uma ilha.» Confesso que na altura não percebi muito bem onde ela queria chegar. A maré estava baixa e, no meio daquele nevoeiro, o

Mont-Saint-Michel mais parecia uma enorme porcaria pousada na areia. Mas aquilo fez-me pensar. Comecei a fazer perguntas a mim próprio. Porquê o Mont-Saint-Michel e não o nada? Porquê a minha mulher e não outra? Porquê a possibilidade de ser ilha quando a maré sobe, mas não quando desce? Entretanto estávamos quase a chegar à abadia. E que frio fazia! Era dezembro, poucos dias antes do Natal. Talvez também tenha influenciado. Enquanto subia a encosta, senti uma coisa estranha a crescer dentro de mim. Estava convencido de que naquele lugar sagrado encontraria a resposta a todas as perguntas que até então nunca me tinha feito. Mas como já estava cansado, cheio de frio e tinha prometido trazer uma lembrança à minha sogra, lembrei-me de entrar numa loja de recordações. Não faltam lojas dessas por lá, podem crer. Procurei alguma coisa baratinha para a minha sogra. E então, como por milagre, deparei com uma daquelas redomas de vidro cheias de água, com o Mont-Saint-Michel lá dentro. Sabem do que estou a falar? Em Paris fazem o mesmo com a Torre Eiffel. Peguei maquinalmente no objeto e, como se uma força estranha me empurrasse, comecei a agitá-lo. Não vão acreditar, mas começou a nevar! Primeiro dentro da bola de vidro, evidentemente. Depois olhei para a porta. Também estava a nevar lá fora! Foi nesse instante que tive a revelação. Aquele globo era o universo em miniatura! O mundo que eu tinha nas mãos! Senti-me iluminado. Olhei para a bola, olhei para a rua. Quanto mais agitava a bola, mais neve caía sobre o Mont-Saint-Michel. Sentia-me todo-poderoso. Era o Todo-Poderoso! Bem, passado algum tempo, como o vendedor começava a olhar-me de lado, tive de pousar o globo. A neve foi assentando aos poucos e eu voltei à realidade. Mas desde esse dia sei: o mundo é uma bola de cristal em que podemos ler tanto o passado como o futuro. Agitar a bola é como provocar o Big Bang. Os flocos nunca caem no mesmo lugar, na mesma ordem nem à mesma velocidade, mas no fim toda a neve acaba sempre no chão. Basta agitar outra vez e tudo recomeça. É sempre diferente, mas acaba sempre por dar ao mesmo. Não há dois flocos iguais, cada um segue a sua trajetória, mas a quantidade de neve é sempre a mesma e tudo acaba por cair, estão a perceber? Ainda não consegui descobrir quem agita o globo e porquê, mas... tenho uma ideia. Porque é que todos os idiotas que entram numa loja de recordações do Mont-Saint-Michel sentem uma vontade irresistível de abanar aquelas bolas? Pelo prazer de ver a neve cair! Então porque é que Deus, se existir, não há de querer fazer o mesmo? E esperem, ainda não acabou... E se Deus for eu? Quer dizer, vocês também, se quiserem. No fundo, a soma de todos os idiotas da nossa espécie! Digam lá se não vos deixa sem palavras. Por isso, quando a diretora me perguntou se eu tinha alguns conhecimentos de Filosofia para substituir a senhora Zarbi, disse logo que sim. Pensei que fosse um sinal do destino. Uma oportunidade de partilhar com o maior número possível de pessoas os conhecimentos que tão modestamente adquiri sobre os mistérios do universo que nos rodeia...

Bem, acho que por hoje chega. Não vamos pôr a fasquia demasiado alta logo na primeira aula. Vá, agora todos de barriga para baixo! Vamos acabar com umas flexões. Mente sã em corpo são, como diz a senhora diretora. E as flexões, no exame, podem sempre dar jeito, não é?

17 – Meios votos à Nação

Caros compatriotas, a minha mensagem de Ano Novo será metade do tamanho habitual, porque neste dia 31 de dezembro, às oito da noite, estamos em estado de emergência e o tempo está a esgotar-se. Para começar, tenho um peru à minha espera em casa, e é bastante difícil de cozinhar. Talvez tenha exagerado: nem sei se consigo metê-lo inteiro no forno. Em todo o caso, à razão de uma hora de cozedura por quilo, provavelmente só conseguirei comê-lo em meados de janeiro. Mas esqueçamos esse enorme peru e voltemos aos nossos carneiros, isto é, a vocês, caros compatriotas. O meu dever, enquanto chefe de Estado, é alertar-vos para a situação catastrófica do nosso país neste preciso momento. Quando este ano começou, tinha trezentos e sessenta e cinco dias. Hoje resta-lhe apenas um. É a prova de que o défice continua a agravar-se inexoravelmente, dia após dia, ano após ano. Mas não se preocupem: acabo de pedir a Deus que, na sua infinita misericórdia, nos conceda amanhã uma nova linha de crédito de alguns meses. Contudo, tenho de vos avisar: o país não pode continuar a gastar tempo sem contar. Por isso decidi que, a partir de 1 de janeiro, só substituiremos um dia em cada dois. O próximo ano terá, portanto, apenas seis meses. Começará a 1 de janeiro e terminará a 30 de Junho, data em que voltarei a apresentar-me perante vós para vos desejar um bom ano. Admito que estas mudanças, de que tanto precisamos, exigirão algum esforço de adaptação. Mas, graças ao aquecimento global, em breve deixarão de notar a diferença entre as estações e todos os anos vos parecerão iguais. No máximo, os que não tiverem Verão parecerão um pouco mais miseráveis do que os outros. Em perfeita coerência com esta reforma, que terá também a vantagem de duplicar o rendimento dos impostos cobrados anualmente pelo Estado, decidi ainda tomar uma medida forte: abolir a mudança da hora de Verão para a hora de Inverno, que há anos divide a Nação. A partir de agora haverá uma só hora, mas apenas durante seis meses por ano! Caros compatriotas, desejo-vos um excelente meio ano. Acredito no lado bom da força e não vos abandonarei. Viva a República dos carneiros e meia vida longa ao nosso país!

18 – Deixem-me rir

Façam amor, não façam a guerra... Lembram-se? Dizia-se isso na época da guerra do Vietname. Infelizmente, antes do Vietname já se fazia amor e guerra ao mesmo tempo, sem nenhuma dificuldade. E continuou a fazer-se depois, claro. O amor dá-se muito bem com a guerra. Os dois sempre viveram em excelente harmonia. Vejam a guerra de Tróia, por exemplo. A que aconteceu mesmo. A primeira guerra mais ou menos digna desse nome. É uma história de amor! Enfim, uma história de cama, que vai dar ao mesmo. Páris dorme com a bela Helena. Para recuperar a mulher, Menelau oferece ao rival um cavalo de Tróia, estragando-lhe os planos, e o marido traído acaba por arrasar a cidade inteira. Porque, não sei se sabem, mas a cidade de Tróia deixou de existir. Desapareceu do mapa. Se estavam a pensar passar lá as férias de Verão ou a lua-de-mel no Inverno, procurem outro destino. E já que falamos de luas-de-mel, não imaginem que estar apaixonado nos impede de querer invadir a Polónia ou exterminar metade da humanidade que menos se parece connosco. Tenho a certeza de que Adolf estava muito apaixonado por Eva. A prova é que se suicidaram juntos logo a seguir ao casamento. Devem ter pensado que o melhor já tinha passado e mais valia pouparem-se ao pior. Dois bilhetes só de ida para o inferno. Que estranha lua-de-mel. Não, quando não é o descanso eterno, o amor é apenas o descanso do guerreiro. Durante uma licença, uma aventura rápida atrás da igreja, entre duas carnificinas, antes de regressar à frente de batalha. Bem, isso aplica-se aos amantes que fazem a guerra à antiga, duas ou três vezes por século. A grande guerra entre pequenos soldados, em campo aberto ou arrasando cidades. Mas a guerra entre pessoas que se amam, a guerra diária, as escaramuças conjugais, a guerrilha doméstica, essa também funciona muito bem. Qual será, na vossa opinião, uma das principais causas de homicídio em tempos de paz? Os crimes passionais e a violência doméstica. Por cada dois namorados que trocam beijinhos num banco de jardim, quantos acabam a trocar murros ou tiros no sofá da sala, depois de casados? «Façam amor, não façam a guerra...» Deixem-me rir. Se querem a minha opinião, devíamos dizer antes: façam humor, não façam a guerra! Já viram dois soldados a esventrar-se enquanto se partem a rir? Ou dois amantes a distribuir bofetadas entre gargalhadas? Eu nunca. Ou então é só um deles que se está a rir. O que está do lado de quem manda. É preciso reconhecer que os tiranos e os sádicos gostam muito de rir, em público ou em privado. Mas isso não significa que tenham sentido de humor. Já repararam? Muitas vezes são as pessoas menos engraçadas as que se riem mais alto. Mas só das próprias estupidezes. Não. O humor não é um prazer solitário nem uma relação imposta. Não é querer rir de tudo à frente de qualquer pessoa, convencidos de que a hilaridade se transmite por contacto social. Não se ri de coração aberto à custa dos outros. O humor é um presente de consolação que oferecemos a nós próprios e depois partilhamos com os outros. Por caridade republicana. Para conquistar uma mulher, dizem que primeiro temos de a fazer rir. Talvez as mulheres pensem que um homem capaz de se dar ao trabalho de as fazer rir, em vez de se rir das próprias piadas, também saberá partilhar o prazer que elas quiserem dar-lhe. O amor ou a guerra? Os dois, meu general! «Façam amor, não façam a guerra»? Estão a brincar... Façam humor, não façam a guerra! E, no resto, em geral... deixem-nos em paz.

19 – Aqui ou ali

Gosto de vir aqui... Estamos à sombra. Não se ouve nada. Geralmente não há quase ninguém. E quando encontramos alguém por acaso, não temos de meter conversa. E este silêncio... No campo há os pássaros. E os aviões. Os aeroportos ficam normalmente fora das cidades, no meio dos campos, e para ir de uma cidade a outra os aviões têm de sobrevoar o campo. Fazem ainda mais barulho do que os pássaros. Já para não falar dos caças. Não estou a falar dos caçadores de perdizes. Esses, ao menos, só caçam em certas épocas. Falo dos caças militares. Os caças-bombardeiros. Para eles, a época de caça dura o ano inteiro. Não é sobre as grandes cidades que fazem as acrobacias, pois não? Só uma vez por ano, talvez, num desfile nacional. Durante o resto do ano deixam os habitantes das cidades em paz. Os caças treinam sobre os campos de trigo, no meio dos corvos. Para a próxima guerra. É que a guerra costuma fazer-se no campo. É uma atividade ao ar livre. Para começar, há mais espaço de manobra. Além disso, a guerra é como o campismo: no campo suja menos. Verdun é uma cidade pequena, rodeada de muitos campos. E com um parque de campismo. Uma guerra em plena natureza quase não deixa vestígios. A Cruz Vermelha recolhe os mortos e enterra-os no campo da honra. Nascem ali cruzes brancas. Muito direitinhas e alinhadas, sobre relva bem tratada. Uma guerra no campo quase não provoca estragos. Depressa não passa de uma má recordação. E acaba por se tornar uma recordação vaga. Após uma campanha militar, lavram-se os campos de batalha. Só é preciso voltar a semear. Eventualmente, chamam a aviação antes da colheita para lançar inseticida sobre os últimos parasitas ou água sobre os incêndios. Não há dúvida de que é mais fácil pôr a paisagem em ordem do que reconstruir, de cada vez e pedra por pedra, as cidades que acabámos de destruir. Aliás, já repararam? Quando uma cidade é arrasada durante uma guerra, se um único edifício ficar de pé, costuma ser uma igreja. Chamam a isso um milagre. Seja. Mas é justamente o único edifício que não serve para nada. Mais valia bombardear apenas os locais de culto, fora das horas de cerimónia. Haveria menos vítimas. Ou então fazer as guerras só em campo aberto. Não, a natureza é muito menos pacífica do que imaginam os habitantes das cidades. Por isso, para encontrar alguma serenidade, prefiro vir aqui. Pregar na minha própria capela. Aqui... Pensando bem, não é incrível? Foi a este lugar exato, neste instante preciso, que nos conduziu tudo o que vivemos até hoje. O nosso percurso de combatente. Todos os comboios que apanhámos e os que perdemos. Todas as mortes que passaram ao nosso lado e todos os riscos que não corremos. Todas as mulheres que não tivemos e as que nos deixaram. Dez, vinte, quarenta, oitenta anos... Tudo para chegar aqui. Sem fôlego. O nosso currículo. Uma vida a correr. Podemos dar-nos ao luxo de nos sentarmos cinco minutos a pensar nisso. Daqui a uma hora estaremos longe, noutro sítio. Novamente em movimento. Presos ao turbilhão. Ao remoinho da vida que nos arrasta inevitavelmente até ao fundo da piscina com a água que se escoa. O tempo passa. Não há nada a fazer. Atravessa-nos o corpo, mesmo que, cansados de lutar, decidamos ficar imóveis, de braços cruzados, a experimentar a resistência passiva. E assim passamos a vida a deslocar-nos de um ponto para outro, para fazer passar o tempo. Às vezes viajamos. Na maior parte dos casos, limitamo-nos a andar de um lado para o outro. Ir e vir. Aqui ou acolá. Avançar e recuar. Andar às voltas. Imaginem que, no fim da vida, pudéssemos ver de uma só vez todos os movimentos que fizemos desde o nascimento. Como num filme acelerado. É isso que

somos. A soma pontilhada das nossas deslocações. Dos nossos caminhos e descaminhos. Das linhas paralelas que nunca se encontram. O arabesco luminoso que traçamos com o nosso próprio fôlego, desde o ponto de partida até ao ponto de chegada. Lugar nenhum. Até a luz se apagar. Gosto de vir aqui, aprender a domesticar a escuridão.

20 – Death Valley

Atrás de nós, a estrada perde-se no infinito. O autocarro para na berma e descemos a cambalear, cegos pelo sol intenso e entorpecidos por aquela eternidade passada a olhar em frente, até ao termo da viagem que é este novo ponto de partida. Avançamos em silêncio pela paisagem lunar. À nossa frente já só resta o deserto. Baixamo-nos para apanhar algumas pedras, que atiramos a outras pedras, todas iguais e todas diferentes. Evitamos olhar um para o outro. Já falámos tanto. Estávamos embriagados de palavras. Agora sentimos náuseas. Ficamos ali muito tempo, de garganta apertada, sem dizer nada. Aos poucos voltamos a aprender a falar. A fazer planos. A sonhar de novo a nossa vida, como uma charada.

O meu primeiro irá para Sófia. Para ser um poeta falhado. Mas existirão poetas bem-sucedidos? Mais ou menos alcoólico. O meu primeiro nunca foi a Sófia. Ninguém vai para lá. Não há motivo para ir. É por isso que irá. Nas salas dos fundos de cafés cheios de fumo, diante de mesas cobertas de garrafas vazias, perseguirá infinitamente as palavras de uma língua estrangeira para fazer maus versos. Não passará à posteridade. Nem sequer à posteridade búlgara. Será poeta, nada mais. Porque ninguém é poeta. Porque um poeta não existe na realidade. Muito menos em Sófia. E um dia, demasiado embebido em álcool e nicotina, tombará sobre a mesa no meio de um longo poema inacabado. Mas terá permanecido fiel à sua palavra. Até ao fim.

O meu segundo irá para Paris. Abrirá uma mercearia na rua Alexandre Dumas. Uma daquelas mercearias como as que vemos exploradas por imigrantes árabes ou chineses. Sempre aberta. À noite, aos sábados, aos domingos. O meu segundo nunca sairá da loja. Atenderá os clientes conversando e contando piadas. Sempre a mesma conversa. As mesmas piadas. Cada vez mais absurdas. Até que um dia as palavras que usa, embora sejam sempre as mesmas, deixarão de significar seja o que for. Serão como uma língua morta desconhecida de todos, até dele próprio. Então fechará a mercearia: «Encerrada por afasia». Irá à estação de leste. Apanhará o comboio para Bucareste. Pela manhã, depois de uma noite sem sonhos, acordará num cais sujo mas banhada de sol, rodeado de gente apressada e vendedores de refrigerantes *made in Romania*.

Então, no meio da multidão de passageiros em movimento, o meu segundo distinguirá o meu primeiro, imóvel, milagrosamente ressuscitado — na verdade nunca morrera —, bronzeado, de calções e alpercatas. E o meu primeiro terá reencontrado o meu segundo. As nossas palavras voltarão a fazer sentido e serão como um longo poema sempre recomeçado, nunca fixado no papel. Depois sairei da estação e sentar-me-ei numa esplanada. Pedirei um café à turca e, enquanto as borras assentam, olharei o destino de frente. Ficarei acordado até tarde, numa noite que já só terá um dia seguinte. E quando nascer o dia, será manhã. À minha frente, a estrada perder-se-á no infinito.

21 – Noite de diapositivos

Contar a própria vida é um pouco como projetar diapositivos. As fotografias são sempre menos interessantes para os outros do que as recordações que guardamos delas. Mas, na era das selfies, quem se lembra ainda do encanto soporífero das noites de diapositivos? Para os mais novos, talvez seja preciso explicar. Quando um casal de aventureiros regressava de uma viagem iniciática ao outro lado do mundo — que na altura podia ser Marrocos, a Grécia ou até o Sul de uma ilha mediterrânica — reunia os amigos mais fiéis à volta de um jantar com sabores exóticos do destino visitado. E, à hora do café, brindava-os com uma projeção das fotografias de férias na parede branca da sala. Naturalmente, esses grandes repórteres tinham previamente distribuído centenas de diapositivos por vários carregadores, segundo os temas, e estudado cuidadosamente a ordem das imagens, para dar ainda mais sentido ao conjunto. Além de dominar a arte da fotografia, era preciso ser mestre na montagem. De cada vez que o anfitrião, usando um comando com fio, mandava passar ao diapositivo seguinte, o carregador emitia um ruído de fotocopiadora. Clic-clac. Os incidentes eram frequentes. Um carregador posto ao contrário, um diapositivo de pernas para o ar, e era necessário interromper a sessão para pôr tudo em ordem, sem deixar perder a mais pequena parte do espetáculo nem deturpar a mensagem. A duração daquela interminável sessão de cinema em câmara lenta, em que cada imagem era comentada ao vivo pelo projecionista, aumentava ainda mais. Era preciso ser mesmo amigo para aguentar aquela prova com um sorriso, fingindo deslumbramento diante de tanto exotismo. Que aventura! Mas haveria vingança. No ano seguinte, seriam eles a impingir aos amigos o filme das férias da sua vida. Ter visto e, ao regressar a casa, ser visto pelos outros. Para existir um pouco, pelo menos uma vez na vida. Estar na luz, cada um por sua vez. Mas sempre entre os mesmos. Felizes aqueles que tinham feito uma bela viagem. Hoje, na época do tempo real, contamos a vida ao mesmo tempo que a vivemos. Em vez de a viver, até. A existência da imagem precede a essência da viagem. A própria ideia de exotismo desapareceu com a globalização. Viajar tornou-se apenas deslocar-se. Já não há um «lá longe», apenas outros lugares. Não há recordações e muito menos futuros. Resta apenas um presente eterno. À espera de que, com os hologramas e a inteligência artificial, possamos estar para sempre em toda a parte ao mesmo tempo. Como Deus. Mas para quê? Venho de um mundo desaparecido, em que os únicos hologramas eram o nosso reflexo no espelho da entrada e em que tanto a inteligência como a estupidez ainda eram inteiramente naturais.

22 – A Ópera de Manaus

Manaus é uma ilha perdida no meio de um oceano de floresta. Só se chega lá de avião ou de barco, seguindo essa via marítima que é o Amazonas, mais comprida do que muitos oceanos e tão larga que, de uma margem, não se consegue ver a outra a olho nu. Com o passar do tempo e das correntes, entre tempestades e naufrágios, muitos navegadores solitários, vindos da floresta à volta ou do outro lado do mundo, deram à costa nesta ilha deserta que se tornou superpovoada, sem jamais conseguirem encontrar o caminho de regresso. Condenados a viver juntos, partilham na Terra esse destino insular. Marinheiros inexperientes embarcados num barco à deriva, vieram primeiro com a esperança de uma vida fácil e de enriquecimento rápido. Para atrair os clientes, como moscas ao papel-cola, Manaus foi declarada zona franca. Uma espécie de paraíso fiscal, afinal. Sobretudo uma miragem. Uma gigantesca loja de descontos onde tudo se vende, sem impostos e, naturalmente, a crédito. Uma vida inteira para pagar um televisor e um frigorífico. Mesmo quando não se tem dinheiro para a eletricidade. A morte por um sonho de pepitas de ouro. A triste realidade da vida de mineiro. Depois de ceder ao canto das sereias, esses marinheiros de água doce afundam-se lentamente no álcool. Como todos os garimpeiros que passam por esta cidade antes de irem revolver as entranhas da Terra nas profundezas da floresta, no fundo eu sabia que nunca encontraria aquilo que tinha vindo procurar, em pleno dia, no coração das trevas. Mas há viagens que não se podem evitar sem faltar a um encontro connosco próprios. Quando um europeu chega a uma cidade do Novo Mundo, procura muitas vezes instintivamente, como os marinheiros procuram um farol, o monumento mais antigo da região. Mesmo em ruínas. Algumas pedras velhas empilhadas como um marco tranquilizador para o caminhante demasiado ousado que se perdeu no nevoeiro. Sabia que havia uma ópera em Manaus. Não esperava, evidentemente, encontrar-me de repente diante de um grande teatro europeu no meio da Amazónia. Mas a perspetiva de beber um café a contemplar a fachada de um monumento histórico tranquilizava-me. Não sou apreciador de ópera. Nunca vou ao Palais Garnier. Mas se ali tinham vivido construtores de teatros de ópera, talvez subsistissem outros sinais da sua passagem civilizadora. Qualquer coisa que ajudasse a suportar a barbárie daquele oásis tentacular com aspecto de esgoto, perdido no meio de um deserto cada vez mais povoado, coberto por uma floresta cada vez menos virgem. Nas águas irisadas de gasóleo do porto de Manaus, entre barcos que descarregam todos os dias eletrodomésticos sem impostos e roupa feita na China, crianças nuas banham-se no meio de toda a espécie de lixo. Riem-se, como todas as crianças do mundo. Ou quase. Nem a vida vale muito nos paraísos fiscais. Para os nascimentos não declarados, a existência não se impõe por si. Havia de facto um café em frente à ópera. Mas a fachada do edifício, em obras de restauro, estava inteiramente tapada por uma lona. Como um enorme ecrã que escondesse a principal atração da cidade para impedir que o turista de passagem levasse uma recordação na fotografia. Fui a Manaus e nunca vi a ópera. A vida é uma viagem. O seu fim, um encontro falhado.

23 – Regresso a Ítaca

Escrever é uma Odisseia. Reconstituir de memória o próprio percurso na vã esperança de encontrar o caminho de regresso. Até à origem. Para finalmente percebermos que a viagem está nos mapas, que a origem não é o ponto de partida e que o jogo da verdade é uma partida de póquer de mentiroso connosco próprios. O meu paraíso perdido é o Mediterrâneo. Filho do exílio, durante muito tempo quis ver no meu pai um herói. Um resistente gloriosamente derrotado. Mas em 1939 o meu pai era apenas um adolescente. Uma vítima deslocada. Aliás, nunca o ouvi dizer mal de Franco. Eu é que sonhava tanto em ser filho da utopia. Para o meu pai, na verdade, o general Franco era mais uma espécie de general de Gaulle. A ordem moral, a paz social e o milagre económico. Talvez a semelhança dos apelidos. Franco. França. De Gaulle. Gália. Sim, mais tarde, até entre os refugiados que regressavam ao país como turistas havia quem dissesse que no tempo de Franco se vivia melhor... Durante muito tempo orgulhei-me de o meu pai não me ter batizado. Gostava de ver nisso um ato simbólico de resistência. Infelizmente, foi apenas desleixo. Se nem sequer foi à Câmara dar-me um nome, porque havia de levar-me à igreja para me batizar? Não. Não acreditar em Deus não faz de um refugiado um resistente. E eu devia ter desconfiado do anticlericalismo de um pai que me internou durante sete anos num colégio católico... Foi o meu tio quem improvisou o meu nome próprio no registo civil. Ainda oiço a gargalhada maliciosa daquele bom operário da Simca quando contava a história: «Jean-Pierre Belmondo!» Portanto, eu devia chamar-me Jean-Paul. O meu apelido é um dano colateral de uma guerra civil e de uma derrota. O meu nome próprio é produto de indiferença e de um lapso. Que estranho batismo republicano. Mal-entendidos. Erros. Contradições. Será que todos esses acasos constituem um destino? É verdade que o meu pai também não era franquista. Era simplesmente um sobrevivente, não um herói. Não era um guerrilheiro, era um homem desenrascado. Muita ambição e algum mercado negro. Três anos de guerra civil e um êxodo. Seis anos de guerra mundial e um exílio. É uma bela escola de vida. Não uma batalha, mas muitas derrotas. Não uma ferida, mas muitas cicatrizes. Torna-nos resistentes. Não faz de nós membros da Resistência. E eu? Também mais próximo do gaullismo, mas de um gaullismo de esquerda. Franco-gaulês de Barcelona e nem sequer catalão. Filho de um republicano imaginado e da República Francesa. Antes mesmo de saber escrever, já sabia que a escrita seria a minha única pátria. Sou o autor dos meus dias. Escrever é uma Odisseia, uma longa viagem de regresso a nós próprios. Fiz essa viagem contra ventos e marés, arriscando a vida para conquistar a liberdade.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/

https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Janeiro de 2024
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-128-2
Documento para download gratuito